

# Universos Particulares

Eliane Cristina Salaberry  
Elizângela Rodrigues Teixeira  
Magali Olioni Silveira  
Maria Helena dos Reis Castro (Org.)  
Marilene Nichele Silva  
Margareth Bilharva Vaz

# Universos Particulares

Organizadora: Maria Helena dos Reis Castro

Ilustradores: Andrew Silva Valente, Bruno Constante Artigas, Eliel Dorneles Brongar, Kevyn Pacheco Cardoso, Klisnman Conceição Acosta e Matheus Teixeira Gross.

Autoras: Eliane Cristina da Cruz Salaberry, Elizângela Rodrigues Teixeira, Magali Olioni Silveira, Maria Helena dos Reis Castro, Marilene Nichele Silva e Margareth Bilharva Vaz.

Colaboradora: Carla Coutinho Moser.



Copyright ©2019 Maria Helena dos Reis Castro

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora ou da organizadora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Direitos de publicação cedidos somente para a presente edição à Editora Casalettras.

Projeto gráfico, diagramação e capa:

Fabiane Pianowski / Núcleo Artes Visuais em Estudo - FURG

Editor:

Marcelo França de Oliveira

#### Conselho Editorial

---

Prof. Dr. Amurabi Oliveira (UFSC) Prof. Dr.

Elio Flores (UFPB)

Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves (FURG)

Prof. Dr. Luiz Henrique Torres (FURG)

Profª Drª Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Prof. Dr. Moacyr Flores (IHGRGS)

EDITORA CASALETTRAS  
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade  
Baixa Porto Alegre - RS - Brasil CEP  
90050-103 +55 51 3013-1407 -  
contato@casalettras.com  
www.casalettras.com

Publicado em 2019



#### Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

U5899 Universos Particulares / Maria Helena dos Reis Castro (Org). Texto de: Marilene Nichele Silva, Margareth Bilharva Vaz, Maria Helena dos Reis Castro, Magali Olioni Silveira, Eliane Cristina da Cruz Salaberry e Elizângela Rodrigues Teixeira a partir de entrevistas com os pais dos alunos. Ilustrações de: Andrew Silva Valente, Bruno Constante Artigas, Eliel Dorneles Brongar, Kevyn Pacheco Cardoso, Klisnman Conceição Acosta e Matheus Teixeira Gross. [ edição eletrônica ] Porto Alegre: Editora Casalettras, 2019.

46p., (contém ilustrações).

Bibliografia.

ISBN: 978-85-9491-054-7

1. Educação - 2. Educação Inclusiva - 3. Transtorno do Espectro Autista - I. Castro, Maria Helena dos Reis (org.); - II. Título

CDU:371.9

CDD:157.4

---

# Agradecimentos

À direção, coordenação pedagógica, professores, funcionários, pais e alunos da Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi, pelo apoio na realização deste livro.

A José Carlos Klaes Roig, pelo incentivo e pelas "dicas".

A Alfons C. Salellas Bosch e João Reguffe, pela revisão do texto.

A Fabiane Pianowski, pela diagramação.

# Sumário

Introdução **6**

Andrew **10**

Bruno **14**

Elíel **18**

Kevyn **23**

Klismman **28**

Matheus **35**

TEA - Transtorno do Espectro Autista **41**

# Introdução

O livro que o leitor tem nas suas mãos conta a história de seis alunos da Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi, especializada na educação de autistas e psicóticos, narradas por seis das professoras que convivem diariamente com eles. Apesar de que Andrew, Bruno, Eliel, Kevyn, Klismann e Matheus apresentam desordens complexas no seu desenvolvimento, caracterizadas como transtorno do espectro autista (TEA) e/ou transtorno psicótico, eles também estão incluídos na rede regular de ensino. O autismo é um fenômeno que confunde e desconcerta uma grande parcela da sociedade e, por isso, presta-se facilmente à estigmatização e ao preconceito. As crenças e os estereótipos permeiam o cotidiano e afetam a forma como percebemos os outros, projetam-se idéias segundo as quais todas as pessoas com deficiência são

desapacitadas para tudo e, dessa maneira, a identidade singular de cada indivíduo fica camuflada ou escondida atrás de um rótulo servido por um manual classificatório.

As crianças com TEA, em décadas anteriores, eram consideradas crianças com deficiência intelectual e não havia distinção de atendimento, em instituições especializadas, como as APAEs - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Com os avanços na área médica e educacional, observou-se que muitas das crianças com TEA não reagiam de forma positiva ao tratamento recebido, e que poderiam se beneficiar mais tendo uma metodologia que se adequasse às suas necessidades. Psicólogos e pedagogos começaram os primeiros estudos e optaram pela criação de um espaço específico para essas crianças.

A Associação de Pais e Amigos dos Autistas do Rio Grande - AMAR foi fundada em 14 de outubro de 1989, com o objetivo de proporcionar à criança com TEA

outras alternativas educacionais mais adequadas para seu desenvolvimento, respeitando as limitações de cada um, possibilitando uma convivência mais harmoniosa na família e sociedade. A fundação da AMAR resultou da iniciativa de algumas mães e profissionais ligados à APAE de criar um espaço diferenciado com o objetivo de proporcionar à criança com TEA condições para seu pleno desenvolvimento, visando sua inclusão em todas as áreas de interação: familiar, psicológica, pedagógica, do trabalho e social. Para isso foi criado um centro de atendimento especializado para crianças com TEA, atendendo alunos que demonstravam não ter aproveitamento com os métodos da época, que eram os mesmos utilizados para os que possuíam deficiência mental.

A partir da criação deste centro, as ações foram se fortificando, estudos de metodologias e consultorias foram feitas, até se chegar à aplicação do TEACCH, método usado nos Estados Unidos e hoje muito difundido no Brasil. Com o sucesso do trabalho, a busca pelo atendimento foi aumentando, a lista de

espera por vagas na instituição começou a crescer a cada dia, sendo inevitável a busca de um espaço maior, apoio e ajuda dos órgãos públicos e da própria comunidade.

A Secretaria de Educação cedeu professores e na continuidade alugou um espaço mais amplo. Em 1996, por questões de legislação, o Centro passa a ser Escola – a única desse tipo na zona sul – e recebe o nome de Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi (uma das psicólogas pioneiras nos estudos de crianças com TEA, que faleceu precocemente), vinculada à Secretaria Municipal de Educação. Em 1999, passou a funcionar em novo endereço, na Cidade Nova, onde permanece até o momento. A AMAR passou a direcionar suas ações para dar assessoramento à família da criança com TEA e ajudar na atualização dos professores e técnicos do município.

Até 2003 a Escola vinha trabalhando apenas com o programa TEACCH, mas com a chegada de

professoras de Artes Visuais, foi criada a oficina de artes e, posteriormente, surgiram as oficinas de artesanato e dança, a partir da observação dos interesses dos alunos.

Visto que o funcionamento das oficinas obteve resultados muito positivos, avaliou-se a possibilidade de a escola disponibilizar, dentro de sua proposta pedagógica, vários outros projetos que oferecessem suporte nas aprendizagens e promovessem a inclusão social dos alunos. Para isso, a cada ano se analisam os projetos disponíveis e, caso necessário, realizam-se as mudanças pertinentes para que contemplem melhor as necessidades dos estudantes. Atualmente a escola oferece, além das oficinas de artes e artesanato, oficina de música, oficina sensorial, brinquedoteca, espaços para horta e reciclagem, corpo e linguagem, pet-terapia e ginástica. Uma vez por semana realizam-se também oficinas de arte e artesanato com as mães.

No âmbito social, promovem-se ações de orientação às famílias, de divulgação e sensibilização

da comunidade sobre o transtorno do espectro autista e sobre a importância do respeito à diversidade. Através do trabalho na escola, buscamos desenvolver as habilidades de nossos alunos para que tenham qualidade de vida e autonomia na sociedade.

Este livro é o resultado de um trabalho conjunto entre famílias, professores e alunos desenvolvido ao longo do ano de 2017. Os pais aproveitaram a oportunidade de falar sobre seu filho, ao lembrar sua história familiar para responder às entrevistas. As professoras que convivem diariamente com esses alunos e conhecem as particularidades de sua linguagem em seus diferentes modos de comunicar, aliaram tais conhecimentos de sua prática pedagógica ao material das entrevistas, transformando essas informações em narrativas que contam a história de vida de cada aluno. À medida que essas narrativas iam sendo resgatadas, diversos conteúdos foram trabalhados de forma interdisciplinar. Finalmente, as histórias ganham uma ressignificação com as ilustrações dos alunos, verdadeiros protagonistas do

que aqui apresentamos.

A temática sobre o TEA vem ganhando cada dia mais destaque, devido às mobilizações dos familiares, profissionais e ativistas que lutam pelos direitos e pela qualidade de vida das pessoas com esse transtorno. Da mesma forma, as mídias, hoje tão diversas, tornam-se de grande importância, ampliando informações para um número maior de pessoas, o que contribui para que mais políticas públicas possam ser projetadas para aqueles que tanto delas necessitam.

Por último, este livro tem a vocação de convidar o leitor para refletir sobre que tipo de sociedade queremos – inclusiva para todos ou exclusiva para poucos –, evidenciando que apesar das peculiaridades próprias de cada indivíduo, todos formamos parte do mesmo mundo. Que a leitura destas histórias, desmitificando o transtorno de uma forma lúdica, ajude a encurtar as distâncias.

# Andrew

*Meu filho é muito especial, foi feito com muito amor e é perfeito para a nossa família. Dani (mãe)*



Autorretrato de Andrew

Eu me chamo Andrew Silva valente, tenho doze anos e vou contar um pouco da minha história de vida para vocês.

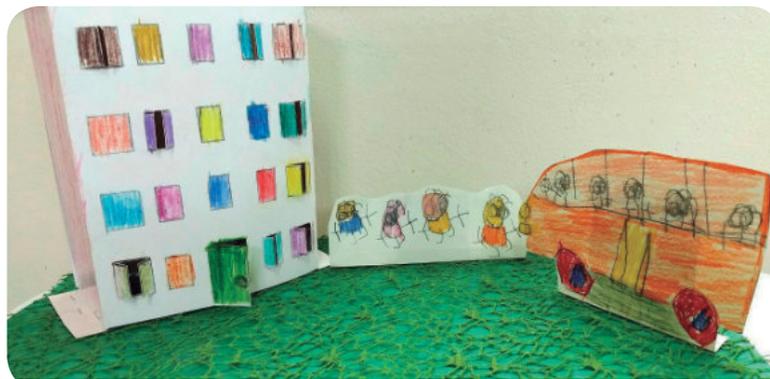
Sou um menino muito feliz, adoro brincar, comer e dançar. Moro com minha irmã Andressa, meu pai Max e minha mãe Adriana, mas todos a chamam de Dani. Lá em casa também moram meus bichinhos de estimação, que são minha cadelinha Mariazinha e meu peixinho. Ah, adoro a minha casinha!

Minha mãe diz que quando nasci eu era lindo, bem carequinha, com os olhinhos puxados e bem branquinho. Todos se apaixonaram por mim! E, como toda criança, também fiz minhas artes. Desde bebêeu já era agitadinho. Uma vez subí na casa do cachorro e me joguei de cabeça. Nossa, foi um baíta susto! Minha mãe

correu e me levou para o hospital, levei dois pontos na cabeça. Minha mãe conta que do meu nascimento até os quatro anos de idade meu desenvolvimento foi dentro da normalidade. Apenas comecei a falar um pouco mais tarde do que a maioria das crianças, com três anos. Minhas primeiras palavras foram papai, carro e peixe. Depois dos quatro anos comecei a ter convulsões e, tão logo meus pais perceberam isso, levaram-me a especialistas que me diagnosticaram com TEA. Eles ficaram muito preocupados, mas o amor incondicional deles superou as preocupações.

Pela manhã frequento a Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi, onde estudo desde os sete anos numa turma de seis alunos. À tarde estou na Escola Dom Pedro II. Consigo realizar a maioria das atividades que qualquer criança realiza.

Algumas vezes custo a responder quando me chamam, mas isso não significa que tenha problemas de audição, significa apenas que estou pensando em outra coisa. Também tenho o hábito de repetir algumas



Maquete da casa e da família de Andrew



A escola de Andrew



Andrew dentro da barriga da mãe



Andrew brincando de carrinho



País de Andrew dançando

palavras e expressões que ouço nos desenhos animados. Gosto muito de assistir à TV. Falo tudo, mas troco algumas letras. Fico confuso quando ouço frases com sentido figurado. Minha mãe fala que levo tudo “ao pé da letra”. Não entendo muito isso de letra ter pé, mas é o que ela diz. Sou bem flexível com relação às minhas rotinas e quando surge algo novo me adapto com tranquilidade. Ah... quero contar também que tenho dificuldade para dormir e na maioria das vezes só consigo pegar no sono de madrugada. E aí, sabe como é... no outro dia tenho uma preguiça danada. Como é bom ficar na minha caminha quentinha! Por isso, muitas vezes chego na escola cansado e com sono. Quando estou em casa gosto de brincar com os pés descalços. Mas quando o tempo está bom prefiro passear com meus pais. Minha mãe diz que sou “bom de garfo”, gosto de comer quase tudo, menos peixe e ovo. Mães adoram quando a gente come!

Uma das coisas de que mais me orgulho é ver meus pais dançando. Aliás, são ótimos dançarinos! Um dia, em um evento da Escola Salesianos, subi no palco e

comecei a dançar, surpreendi a todos. Meu pai sempre diz: “filho de peixe, peixinho é”. Foi um sucesso e uma emoção grande para meus pais. Todos ficaram encantados. E eu adorei!

Pois é, pessoal, contei aqui um pouquinho da minha vida. Sou especial, sim, mas tenho muitos talentos e possibilidades. Dizem que sou muito meigo e que me relaciono bem com as pessoas. Amo muito meus pais e tenho muitos amigos. Também falam que sou muito bonito e, modéstia à parte, quando me olho no espelho acho que eles têm razão! Posso ensinar muita coisa para as pessoas, principalmente “a arte de ser feliz”.

História de vida do Andrew Valente contada pela professora Marilene Nichele Silva.

# Bruno



Autorretrato de Bruno

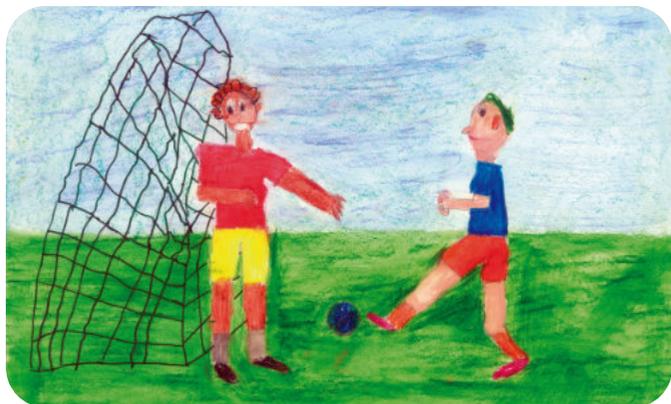
Vou contar um pouquinho da minha história. Meu nome é Bruno Constante Artigas. Algumas pessoas me chamam carinhosamente de Bruninho e outras de Bubu. Minhas irmãs escolheram o meu nome. Deí sorte, porque Bruno é um nome bem legal!

Eu nasci no hospital Santa Casa do Rio Grande, no dia treze de agosto de dois mil e cinco – tenho doze anos. Minha mãe disse que quando eu nasci fazia muito frio e que eu era bem branquinho, gordinho e que nunca fui chorão. Antes de caminhar usei bastante o andador, andava por toda a casa. Adorava mamar, mamei até os dois anos. Que delícia aquele leite quentinho!

Quando eu era pequeno fazia algumas travessuras. Uma vez pinteí a parede da casa. Gosto



Bruno pintando



Bruno jogando bola

muito de pintar, mas parece que meus pais não acharam a ideia muito legal não. Por que será? Achei tão divertido! Lembro disso quando faço pinturas na escola. As professoras dizem que sou muito criativo e que tenho uma personalidade forte. Outra vez piquei muuuuuuítos papéis e espalhei por toda a casa. Tão bom! Adorei! Acho que meus pais deveriam experimentar em vez de ficarem brabos.

Hoje me divirto com futebol, jogando videogame e cartas. É o que eu mais gosto de fazer. Nos finais de semana gosto de passear, ir ao cinema e de visitar minha irmã Monique que mora na Barra.

Na minha casa moram meu pai Leonardo, minha mãe Rejane, minha irmã Brenda, e minha vó Dejanira tem uma casa nos fundos. Também tenho dois cachorros e uma caturrita que grita muito. Detesto gritos, fico atordoadado.

Minha primeira e única palavra foi vovó aos três anos. Todos ficaram muito felizes quando falei vovó, mas em seguida ela percebeu que eu não dizia mais

nada e comentou com minha mãe. Acharam que eu já tinha idade para dizer muitas coisas. Com três anos recebi o diagnóstico de TEA. Fui encaminhado para o Centro de Atendimento Psicossocial e Infantil - CAPSI - Serelepe Rio Grande e em seguida fui para a EMEE Maria Lucia Luzzardi.

Lembro bem quando cheguei pela primeira vez na escola. Tinha os cabelos compridos e cacheados e era muito tímido. Segurava bem firme no braço de minha mana e não largava. Foi difícil de separar esta simbiose: eu e minha irmã. Aos poucos fui entrando na sala e me aproximando das minhas primeiras professoras, Rosaura e Cláudia. Nos primeiros dias minha irmã saía chorando por me deixar e eu entrava na sala em prantos. Minhas professoras me tratavam com muito carinho e tinham muita paciência. Fui aos poucos conquistando e sendo conquistado. Depois de alguns dias já fazia tentativas de organizar o mural, classificava cores, tamanhos, formas, montava e desmontava legos, desenhava e pintava. O choro mimado deu lugar a sapequice e a organização.



A família de Bruno



A escola de Bruno

Com seis anos fui incluído na Escola França Pinto, onde permaneço até hoje no turno da tarde e tenho um monitor que me acompanha. Atualmente, apenas duas vezes por semana frequento a Escola Especial. Estas duas escolas me ajudaram muito a me tornar independente.

Algumas pessoas achavam que eu era surdo, porque não respondia quando era chamado. É que às vezes estou focado em outra coisa. Quando estou atento respondo através de gestos ou sons e geralmente todos conseguem me compreender.

Minha mãe não me deixa andar sozinho na rua, pois ela diz que não tenho muita noção de perigo e que atravesso a rua sem olhar os carros. Ela tem razão, às vezes fico um tanto distraído.

Vou sempre com o transporte escolar para a escola, assim minha mãe não precisa ficar preocupada comigo. Ao meio-dia almoço em casa. Gosto de comer de tudo, mas prefiro arroz, bife e hambúrguer. Já estou

com água na boca só de falar... Fico muito feliz quando minha mãe faz pão e me deixa ajudar a amassá-lo. À tardinha, quando chego, vou direto para a casa da minha vó Dejanira. Amo muito a minha vó, ela cuida muito bem de mim.

Contei um pouquinho da minha vida. Para terminar quero dizer que todo o mundo precisa de amor para ser mais feliz. O amor e o carinho nos envolvem e nos deixam mais confiantes. Sou muito feliz com a minha família, os meus amigos e meus professores. Aquele menininho tímido hoje se transformou num pré-adolescente forte e decidido.

História de vida do Bruno Artigas contada pela professora Magali Olioni.

# Eliel



Autorretrato de Eliel

Meu nome é Eliel Dorneles Brongar. Nasci no dia trinta e um de outubro do ano de dois mil e quatro. Sou filho de Marcos e Cristina. Meus pais se conheceram na igreja evangélica e quando eu nasci eles me deram um nome bíblico. Meu pai trabalha fazendo entalhes na madeira, ele faz quadros bonitos e eu adoro.

Desde o meu nascimento até mais ou menos um ano de idade, fui um bebezinho que apresentava tensão muscular e rigidez nos braços. Foi minha avó que percebeu a rigidez dos meus bracinhos. Lá pelos três ou quatro anos, um médico constatou uma dificuldade no meu desenvolvimento da linguagem.

Quando comecei a caminhar melhorei tanto a rigidez dos meus braços que pude fazer muitas coisas importantes, como ajudar o meu pai. Um dia, fiquei

muito atento enquanto ele estava montando uma mesa e por observação consegui ajudá-lo, montando um dos pés. Eu só tinha dois aninhos! Até hoje gosto muito de brincar de fazer consertos com as ferramentas de brinquedo.

Todos os dias o transporte escolar passa cedinho na minha casa para me levar para a EMEF Maria Luzzardi, onde estudo desde os sete anos. Também frequento desde os cinco anos a Escola Rui Poester Peixoto. Nesta escola tenho um monitor que me acompanha. Gosto muito de estar nessas duas escolas e estou me comunicando e me socializando melhor, mas às vezes ainda me confundo com frases com sentido figurado e levo ao pé da letra o que as pessoas dizem. Com o tempo melharei um pouco o desenvolvimento da linguagem, mas ainda tenho dificuldades em pronunciar algumas palavras e nem sempre as pessoas entendem o que estou dizendo. Isso me deixa bem irritado.



Maquete da casa de Eliel



A escola de Eliel



Eliei na barriga da mãe



A van que transporta Eliei para a escola



Eliei fazendo panquecas

Tem muita coisa no mundo que eu não gosto, como chuva no dia de feira, o que é horrível porque quando está chovendo muito não posso sair de casa nem pra ir na feira comprar jogo. Também odeio quando meu videogame não está funcionando. Outra coisa que não gosto é de escuro. Se uma pessoa apagar a luz de noite eu fico com medo, pois penso que pode ter um fantasma ou coisa assim. A professora Elizângela me disse que fantasmas não existem de verdade, que os fantasmas e monstros só estão nos livros e nos filmes. Eu acredito nela, mas mesmo assim tenho medo.

Às vezes não respondo quando sou chamado e têm pessoas que pensam que estou me fazendo de surdo, mas não é nada disso. Se eu não responder quando falares comigo, é porque estou prestando atenção em outra coisa ou estou distraído.

Na escola Maria Lucia Luzzardi eu participo de diversas oficinas: ginástica, artes, música, hora do conto e brinquedoteca. Eu adoro todas elas e nem sei dizer de qual gosto mais. Os dias que temos pet-terapia são muito legais por causa da Maya. A Maya é uma

cadela Golden Retriever que tem o pelo comprido e meio bege com um pouco de pelos brancos e um pouco de pelos amarelos. Ela é tão mansinha que sempre me deixa escovar seu pelo e segurar a sua coleira para passearmos juntos. Eu adoro isso!

Quando volto da escola eu mesmo faço meu leite. Coloco duas colheres de Nescau num copo grande de leite e tomo frio, porque mexer sozinho no fogão é perigoso. Depois disso, vou jogar videogame no meu Play 2. Também gosto de jogar X-Box, mas às vezes os CDs que compro na feira vêm falhados e não funcionam. Também assisto à televisão quando volto da escola e o canal que mais gosto é o Discovery Kids. Adoro jogar GTA e também repetir as atividades do GTA na hora de brincar. Gosto ainda de brincar com carrinhos de Hot Wheels e depois da brincadeira organizo meus brinquedos em gavetas, pois não suporto bagunça.

Minhas comidas preferidas são batata frita, massa e panqueca. Quando o cardápio é panqueca eu ajudo a preparar. A mãe faz a massa e eu vou colocando

na frigideira. Às vezes, na hora de virar, a massa se dobra como um livro fechado ou se rasga, mas têm vezes que a panqueca fica perfeita e redonda como um disco e é muito legal.

Estou contando essas coisas porque se alguém quiser me conhecer é só ler este livro. Aqui tem um pouco de mim. Na verdade, só tem um pouquinho mesmo, porque muitas e muitas coisas eu esqueci de dizer e, além disso, a vida da gente não cabe num livro, porque a vida de qualquer pessoa é bem maior e bem mais bonita que qualquer história.

História de vida do Eliel Brongar contada pela  
professora Elizângela Teixeira.

# Kevyn

*O Kevyn é o grande amor da minha vida. Tenho sete netos e três bisnetos, amo todos muito, mas o Kevyn é um menino que faz todos os meus dias especiais. Mara (avó)*



Autorretrato de Kevyn

Olá, hoje gostaria de me apresentar, me chamo Kevyn Pacheco Cardoso, tenho doze anos e sou um garoto legal. Sou alegre, simpático e bem humorado, adoro comer e assistir televisão.

Bem, eu tenho percepções um pouco diferentes das suas, a minha vó diz que isso me faz ser especial. Para dizer a verdade, várias pessoas dizem que sou uma pessoa muito especial.

Minha história começa quando minha mãe conhece meu pai na banda do colégio. Talvez seja por isso que eu gosto muito dos instrumentos de percussão da aula de música e de assistir apresentações na escola, que, aliás, frequento duas.

Gosto muito da minha família, tenho uma irmã chamada Izabély, que é mais nova. Brinco com ela às

vezes, mas não sou muito paciente para brincadeiras acompanhado, então quase sempre acabamos nos desentendendo. Aos finais de semana meu passeio preferido é sair com minha família. Meus avós, Mara e Antônio, são pessoas que me amam e se dedicam muito a cuidar-me. Minha vó Mara é como uma mãe, me ajuda em todos os momentos e me leva à escola. Posso te contar um segredo? Para mim, minha vó também é minha mãe. Com tanto amor, só posso ser um menino feliz, né?

Tem alguns lugares que gosto muito de ir passear. A Praça Tamandaré é um destes locais, lá posso brincar nos balanços, vai e vem e escorregador, é tudo muito divertido! Tenho dificuldade com altura, subo no escorregador, mas não desço sozinho, sei lá, fico inseguro, me dá um nervoso, um friozinho na barriga mesmo! Mas aí, a vó Mara me dá a mão e tudo muda: fico confiante e consigo escorregar. Ufa! Isso me deixa feliz mesmo! A Praça Tamandaré tem muitos bichos, coelhos, tartarugas, pássaros, macacos e patos. Adoro os patos e os macacos, dar pãozinho e pipoca para

os patos é muito legal, não posso deixar de dividir minhas pipocas com eles, meu sorriso nestes momentos vai às orelhas!

Como já disse, estudo em duas escolas. Pela manhã, na EMEF Maria Lucia Luzzardi, onde tenho atendimento especializado. Minhas professoras são muito bacanas e dizem que sou bem humorado e divertido. No turno da tarde estudo na escola do meu bairro, Escola Mascarenhas de Moraes. Lá tenho muitos colegas, tudo é muito maior, mas sou esforçado e muito participativo.

Sou gordinho desde que nasci, adoro comer e como de tudo menos canja, a única coisa que não gosto. Minha avó me chama de “assaltante de geladeira”, não é bom facilitar, pois se der sopa eu devoro mesmo! Estes dias comi uma dúzia de bananas bem rapidinho, sem ninguém ver, pena que deixei as cascas todinhas em cima da mesa, aí me descobriram, mas elas estavam deliciosas, foi irresistível, melhor não deixá-las a minha vista! Quando chego da escola tiro os tênis e vou



Kevyn na barriga da mãe



Os avós de Kevyn



A família de Kevyn



A escola de Kevyn



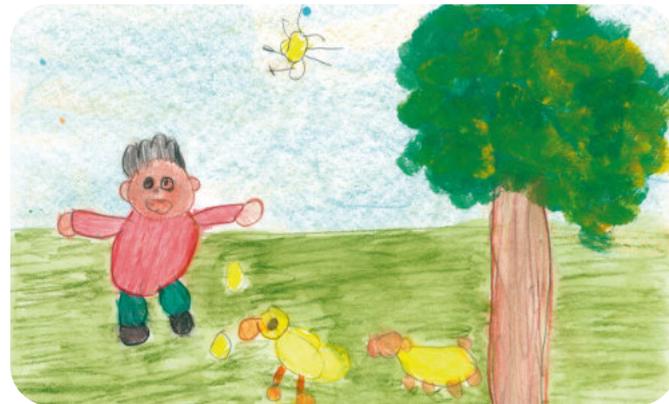
A casa de Kevyn

direto para a frente da TV. Troco de canal o tempo todo, não fico atento a apenas uma programação. Então é click, click, click e as imagens vão mudando de lugar, você não acha isso divertido?

Bem, preciso lembrar que sou especial, é verdade. Fui diagnosticado com TEA aos seis meses e cheguei na escola aos quatro anos. Hoje tenho doze. Não consigo falar, mas me expesso bem, pois minhas professoras sabem até quando estou zoando dos meus colegas, aliás, gosto de observá-los e dou risada de tudo que acontece. Gosto muito de livros de história, montar quebra-cabeça e desenhar. Por falar em desenho, eis aí outra coisa que me agrada muito: fico muito tempo rabiscando papéis em casa, depois pico tudinho bem miúdo e... tcham, tcham, tcham, minha parte preferida desta brincadeira: chuva de papel picado atrás do sofá! Quem parece não gostar muito é a vovó, vem logo com a vassoura, ralha comigo, eu presto atenção a tudo, mas ela não consegue ficar brava comigo por muito tempo, pois eu uso minha ferramenta irresistível, que é abrir um sorriso e cair na gargalhada.

Adoro que me façam cosquinhas, principalmente na barriga, este é um dos meus contatos preferidos, abraços e cheiradas no pescoço também valem! Rir, brincar e me divertir é meu lema. Tenho preguiça de me movimentar muito, gosto de elogios e que conversem comigo. Entendo tudo e estou sempre pronto para rir com um amigo. É por isso que gosto muito de ir à escola, dos meus professores e coleguinhas e é também por isso que sou tão feliz com minha família. Acho que meu lema de vida é: "Bora lá, curtir e ser feliz!" a vida é tão divertida em seus detalhes, eu sei disso, eu presto atenção nestes detalhes, e você, você também sabe curtir seus momentos preferidos?

História de vida do Kevyn Cardoso contada pela professora Eliane Salaberry.



Kevyn alimentando os patos da Praça Tamandaré



Kevyn comendo bananas



trabalha como guarda municipal. Minha mãe é a Sandra, que trabalha com serviços gerais. Eles cuidam muito bem de mim.

Pela manhã estudo em Rio Grande, na EMEE Maria Lucia Luzzardi, mas moro na cidade vizinha, São José do Norte. Por isso levanto bem cedinho, às seis horas e dez minutos, viajo de lancha durante trinta minutos e aproveito para tirar uma sonequinha. Depois pego um ônibus até a escola. Mamãe sempre me acompanha. Na escola gosto de montar quebra-cabeça, de jogos de encaixe, da hora do conto, de desenho, pintura, modelagem, recorte e colagem, e gosto especialmente de andar de balanço na praçinha. À tarde estudo na Escola Monteiro Lobato, na minha cidade. Lá tenho um monitor que me ajuda. Estudo muitas horas e chego em casa cansado. Quando chego em casa, a primeira coisa que faço é colocar a mochila no cabide e tirar o uniforme da escola. Não suporto usar muita roupa e não gosto de usar calçado mesmo quando está frio. Minha mãe me coloca roupa e eu tiro, ela coloca novamente e eu tiro outra vez, ela fica nervosa e diz que



Klismman na barriga da mãe



*Pai de Klisnman*



*Mãe de Klisnman*



A escola de Klisnman



A casa de Klisnman

vou ficar resfriado. Às vezes fico mesmo. Confesso que tenho minhas manias, mas quem não tem as suas? Depois costumo jogar no meu notebook. Também adoro brincar com balão. Gosto ainda de assistir à TV, especialmente dos desenhos da Pepa, aquela gracinha de porquinha cor-de-rosa! Repito várias vezes frases que ouço nos desenhos e as pessoas acham isso estranho, mas essas falas ficam gravadas na minha cabeça e tenho necessidade de repeti-las. Não me perguntem por que faço isso, não saberia explicar. Também gosto de assistir ao futebol. Imaginem a surpresa do meu pai quando, há poucas semanas, eu, que não sou de muitas palavras, assistindo a uma partida, comecei a cantar o hino nacional. Cantei todinho! Modéstia à parte, tenho uma ótima memória, aprendi só de ouvir. Meu pai gravou-me cantando e minha mãe mostrou para todo o mundo o vídeo com a minha façanha. Fiz sucesso na escola! Todos queriam me ver e ouvir. Fui aplaudido, ganhei beijos e elogios, adorei! As professoras queriam mais, começaram a me estimular e eu não me fiz de rogado, botei pra cantar.

Falo muito pouco na escola e na rua menos ainda, não fico à vontade com pessoas que não conheço bem. Outra coisa que gosto muito é de assistir à missa das cinco e meia no canal da Canção Nova. Chamo a família para assistir comigo, mas eles não ficam muito tempo. Por isso, no final, chamo todo o mundo de novo para receber a bênção do Padre Antônio Maria. Gosto muito dele. Adoro pegar a água para o padre abençoar!

Como quase tudo, especialmente batata frita com farofinha. Talvez por isso esteja gordinho. E talvez por ser um gordinho simpático as pessoas adorem me afofar e me dar beijinhos. Confesso que gosto disso e dou muitas risadas. Sou carinhoso, várias vezes por dia procuro a minha mãe para dar beijos. Adoro ela! Também gosto muito do meu pai, da minha irmã, da minha tia Maria e do meu tio Tito. A vovó Bola, mãe da minha mãe, que nos deixou este ano, era muito minha amiga. Ela me paporicava, me enchia de guloseimas e sempre levava leite condensado para eu comer com pipoca. Huumm, que delícia! Sinto tanta falta dela... Minha vizinha Nicole, que tem seis anos, é minha



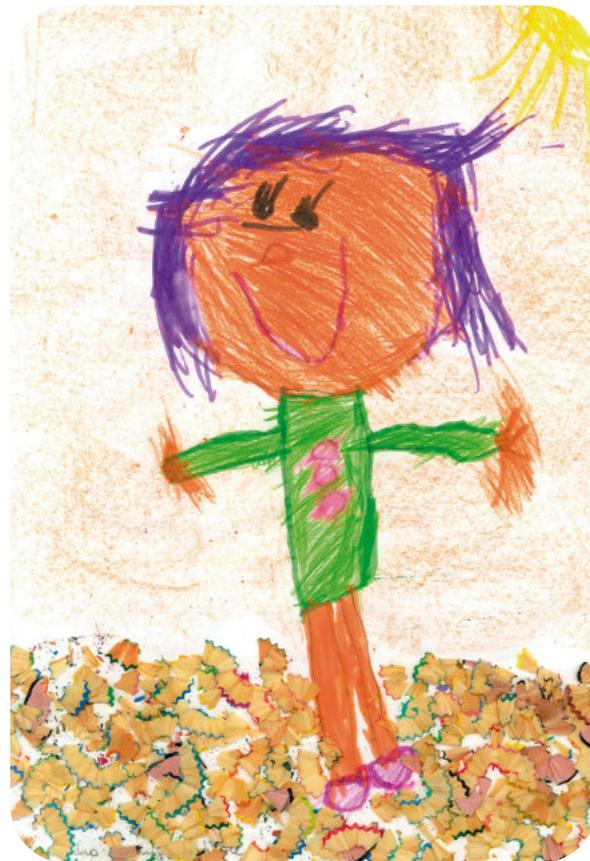
Klismman na lancha de São José do Norte



Klismman no balanço da praçinha

amiga também. Ela vai na minha casa e muitas vezes sai para passear conosco. Lá em casa também tem um canarinho e um cardeal, mas eu prefiro um gatinho da rua que aparece para nos visitar. Também gosto de brincar com a Mel, a cachorrinha da minha irmã.

Até os dois anos, minha mãe diz que eu era como as outras crianças e, como toda criança, fazia arte. Uma vez enfiéi duas chaves na tomada de luz. Mamãe levou um susto, mas eu não me machuquei. Ela diz que eu não tenho muita noção de perigo. Outra vez derramei todo o óleo de cozinha por cima de mim. Eca, que meleca! Depois mamãe percebeu que eu tinha dificuldades de me relacionar com as pessoas e muitas vezes não respondia quando era chamado. Pensaram que poderia ser surdo, mas não sou não. Dizem que percebo e interpreto as coisas de um modo especial, diferente da maioria das outras pessoas. Quando tinha quatro anos, os médicos me diagnosticaram com TEA e no dia oito de agosto do mesmo ano comecei a frequentar a escola especial. Um pouco antes disso, minha mãe percebeu que eu estava lendo as letras de



Nicole, amiga de Klismann

uma música da Xuxa. Ninguém me ensinou a ler, simplesmente aprendi. Sou esperto!

Não gosto de som alto, pois meus ouvidos são sensíveis. Preciso de rotina para me sentir mais seguro e confiante. Não tolero imprevistos. Quando as coisas não acontecem como estavam programadas, me desorganizo e fico muito nervoso, posso chorar e até gritar. Na falta de luz, o primeiro que faço é pegar a lanterna de emergência. Quando isso acontece cai o sinal da internet e também não posso ver TV. Odeio essas coisas! Fico furioso!

Sou um menino especial. Dizem que sou verdadeiro, sincero, espontâneo, inteligente, fofinho, simpático e carinhoso. Também dizem que desenho muito bem. Adoro elogios! Se você abrir o seu coração para mim, aos poucos você vai me compreender e talvez possamos ser amigos.

História de vida do Klismam Acosta contada pela professora Maria Helena Castro.

# Matheus

*Não veja meu filho como doente, nem especial, apenas como uma criança com algumas limitações* Joelma (mãe)



Autorretrato de Matheus

Olá! Sou o Matheus Teixeira Gross. Nasci bem gordinho e grandão, o que fez com que papai e mamãe ficassem muito felizes. Meu nome, de origem bíblica, foi escolhido por minha avó materna. Quando nasci, em dezenove de julho de dois mil e seis, morava em Pedro Osório. Nessa fase de bebê, tudo correu muito bem. Depois que completei um ano, tive uma febre muito alta e recebi o diagnóstico de epilepsia. Com um ano e quatro meses comecei a caminhar e algumas vezes batia a cabeça, quebrava vidros e espelhos. Quando passei a frequentar a escolinha, fui encaminhado para a fonoaudióloga e psicóloga, pois minha fala era difícil de compreender. Morava ainda em Pedro Osório quando descobriram que eu tinha TEA. Depois minha família veio para Rio Grande, por causa do trabalho do meu pai. Ele é motorista.

Sou um menino alegre e inteligente, me relaciono bem com os amigos, mas minha fala nem todos conseguem compreender. Também sou bem sincero e falo o que penso, até arrumo algumas brigas por conta disso. Uma vez falei na escola que minha colega era uma "bísca" e ela respondeu que "bísca" era a minha mãe. Não sei o que significa "bísca", mas sei que é algo ruim. Fiquei furioso e queria bater nela. Ninguém pode falar mal da minha mãe!

Tenho algumas preferências gastronômicas, como doces e lanches. Adoro bolo! Na escola já tenho amizade com a merendeira Juju, que sempre me guarda um pedacinho de bolo. Tenho um olfato aguçado, de longe percebo o cheiro da comida e já identifico o que está sendo preparado. Adoro perfumes. Fico atordoado e desorientado com som alto, reclamo e tapo meus ouvidos. Gosto de brincar com chaves e de assistir à televisão, inclusive até as refeições faço sentado no sofá para poder ver meus programas favoritos: Detetives do Prédio Azul e Valentim. Quando estou na frente da televisão fico num mundo à parte, não escuto nem vejo

ninguém, só consigo prestar atenção na telinha.

Minha família cresceu... Quando eu tinha sete anos, nasceu minha irmã Luana. Em casa somos quatro: mamãe Joelma, papai Diego, eu e Luana. Também tenho quatro bichinhos: dois gatos, Alissa e Nick, e dois cachorros, Rickson, o pequeno, e Alemão, o grande, mas não gosto muito de brincar com eles.

Minha mãe diz que sou muito carinhoso, só brigo se sou muito provocado. Quando isso acontece, me sento e fico emburrado. Vou confessar que tenho alguns medinhos: tenho medo do escuro, só durmo se houver uma claridade no quarto e se a porta estiver aberta. Tenho aversão a pessoas mais velhas, acho que é porque sinto medo de ficar velho e gordo. Já quando fico contente, corro, dou pulinhos e mexo com os dedos repetidamente. Sou limpinho, não tolero sujeira nas mãos, porque me sinto enjoado. Minha mãe me ajuda quando vou ao banheiro e quando tomo banho. Ela diz que sozinho não me lavo bem. Ela também gosta de limpeza.



Matheus na barriga da mãe



Matheus comendo bolo com a Juju



A família de Matheus

Quando era pequeno, aprontei algumas travessuras, como colocar água sanitária nos baldes que tinham roupa de molho, cortar o cabelo da minha irmã e riscar a geladeira. Minha mãe diz que até hoje tenho pouca noção de perigo, porque não olho para os lados quando atravesso a rua. Só olho para a frente. Já com eletricidade eu tenho cuidado, pois um dia levei um choque e aprendi que é perigoso.

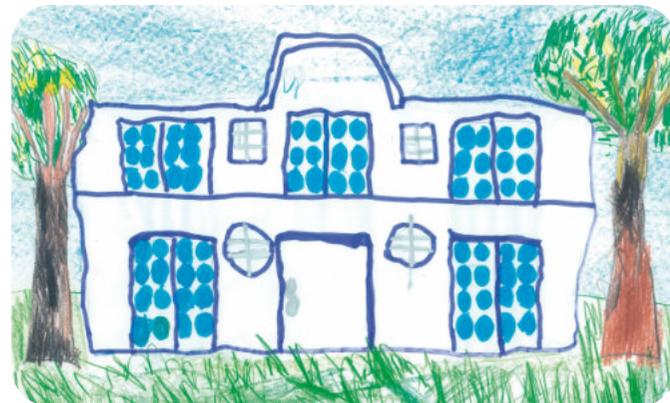
Sou bem-comportado. Quando minha mãe precisa sair, fico em casa sozinho, sem problemas, vejo meus desenhos favoritos e só atendo à porta se for ela. Peço que mostre o rosto antes de abrir, pois tenho medo que seja um robô como nos desenhos que vejo. Gosto de ajudar a minha mãe, vou na venda fazer compras,



A casa de Matheus



Matheus assistindo TV



A escola de Matheus

alcanço pequenos objetos e coloco o celular para carregar. Às vezes pergunto para minha mãe se ela quer outro “gaô” (garoto) e ela sempre diz que não e fala que me adora. Eu também adoro ela!

Pela manhã vou para a EMEE Maria Lucia Luzzardi e à tarde estudo na Escola Coriolano Benício, na vila da Quinta, onde moro. Lá tenho uma monitora que me acompanha.

Agora estou bem, pararam as convulsões e estou muito feliz nas escolas. E assim tenho progredido e melhorado dia a dia!

História de vida de Matheus Gross contada pela  
Professora Margareth Bilharva Vaz.



Professora Marilene, Andrew e sua mãe Adriana



Professora Magali, Bruno e sua mãe Rejane



Eliel, seu pai Marcos e a professora Elizângela



Professora Eliane, Kevyn e sua avó Mara



Professora Maria Helena, Klisnman e sua mãe Sandra



Matheus, seu pai Diego e a professora Margareth

# TEA - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM – V, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pela presença de déficits persistentes na comunicação social e na interação social em diversos contextos, bem como nos padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O TEA é diferenciado pelos níveis de gravidade, dividido nas categorias: leve, moderado e grave, portanto é categorizado através das características da pessoa e das suas necessidades de apoio. A gravidade poderá modificar-se de acordo com o contexto em que a pessoa está inserida ou alterar-se de acordo com o tempo (APA, 2014).

As manifestações do TEA podem ser bastante variadas, dependem da idade, sexo, grau de severidade e nível de desenvolvimento; portanto, o termo “espectro” abrange a diferença de cada pessoa com o transtorno. As

dificuldades incluem: iniciar e manter interações sociais; compartilhar emoções; ausência de contato visual; alterações verbais ou havendo linguagem, essa pode não apresentar função comunicativa. Outro aspecto é em relação à atenção compartilhada, quando a criança não utiliza o gesto de apontar o que deseja ou seguir gestos para compartilhar com outras pessoas. Também podem realizar muitas atividades solitárias devido as dificuldades que as crianças com o transtorno têm de envolver-se em brincadeiras com o uso da imaginação e de cooperação em atividades em grupo (JULIO-COSTA E ANTUNES, 2018).

Os padrões restritos e repetitivos de comportamento também se manifestam de muitas formas, como estereotípias motoras: abanar as mãos, apertar partes do corpo, uso sistemático de objetos aos girar e enfileirar os mesmos e a fala repetitiva, repetição atrasada ou no

mesmo momento que ouviu (ecolalia), entre outras. Podem apresentar sofrimento e resistência a pequenas mudanças, mantendo apego à rotina, fato comum às questões alimentares, com tendência a ingerir sempre os mesmos alimentos preferidos, algumas vezes apresentando ainda compulsão ou restrição alimentar. Tendem a ter respostas extremas relacionadas a estímulos sensoriais, não sabendo lidar com questões do ambiente como alguns tipos de sons, texturas, luzes e/ou temperaturas, também é comum o encantamento por objetos giratórios (APA, 2014).

Os transtornos psicóticos são heterogêneos e a sua gravidade depende do tipo e intensidade dos sintomas apresentados, sendo os mais comuns: alucinações, delírios, e desorganização, além das dificuldades cognitivas presentes na maioria das pessoas com o transtorno (APA, 2014).

Os primeiros sinais do transtorno podem ser percebidos antes mesmo dos três anos de vida, geralmente dos 12 aos 24 meses, em casos graves, ou após os 24 meses, se

os sinais forem mais leves, mas todos os casos, de alguma forma, afetam e causam prejuízos na vida do indivíduo. Alguns poderão precisar de apoio especializado ao longo de toda a vida, outros conseguirão viver de forma independente.

Muitos estudos apontam a necessidade da detecção precoce do TEA para intervir precocemente e aumentar o potencial de desenvolvimento do sujeito. No município de Rio Grande há uma rede de dispositivos de atendimento público que pode auxiliar na detecção dos primeiros sintomas. A escolha do atendimento é definida de forma individual, tendo em conta as necessidades da pessoa e os serviços disponíveis. Abaixo destacamos algumas opções de atendimento que podem facilitar na identificação e disponibilizar possíveis intervenções e orientações aos familiares:

Unidades Básicas de Saúde: são consideradas porta de entrada para os serviços ofertados pelo SUS – Sistema Único de Saúde. Contam com médicos em sua equipe que podem detectar os primeiros sinais do TEA e fazer

os devidos encaminhamentos.

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial: são instituições destinadas a acolher usuários com transtornos mentais. Visam estimular sua integração social e familiar e apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecendo-lhes atendimento médico e psicossocial. O CAPS é um dos serviços de referência para o cuidado às pessoas com transtornos do espectro do autismo, independente de sua idade. Também é sua função ofertar apoio matricial às equipes de saúde da família e aos pontos de atenção às urgências, apoiando e subsidiando o processo diagnóstico, o acompanhamento direto das situações graves e se corresponsabilizando pela atenção às urgências.

O CAPS infantil Serelepe: Conta com equipe multidisciplinar (médico psiquiatra, psicólogo, enfermeiro, assistente social, psicopedagogos, entre outros) e atende crianças e adolescentes com transtornos mentais.

Localiza-se na Rua Marcílio Dias, 636 – telefone (53) 32333239.

O CAPS Conviver: Também conta com equipe multidisciplinar. Atende o público maior de 18 anos com transtornos mentais e em sofrimento psíquico grave e persistente.

Localiza-se na Avenida Presidente Vargas, 688 – telefone (53) 32323258.

AMAR: Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Rio Grande, instituição que oferece apoio psicológico e assistencial à família da pessoa com TEA. Entre as suas atividades estão: avaliação psicodiagnóstica, grupos terapêuticos de orientação familiar, oficinas terapêuticas, apoio assistencial, capacitação, assessoria escolar em processo de inclusão.

Localiza-se na Rua General Abreu, 10 – telefone (53) 32331311.

Escola Municipal de Educação Especial Maria Lucia Luzzardi: a escola atualmente atende cerca de 110

alunos, entre crianças, jovens e adultos. Alguns destes encontram-se matriculados na rede regular de ensino, frequentando a escola no contraturno. A escola trabalha com o programa TEACCH, estimulando as habilidades para a vida acadêmica, social, comunicativa e de organização, a fim de promover aprendizagem com independência, autonomia e funcionalidade.

Está localizada na Rua Marechal Deodoro, 595 - telefone (53) 32327300.

É importante que a família conheça os dispositivos da rede de atendimento que possam lhe fornecer auxílio. A pessoa com TEA tem diversos direitos garantidos por lei. A seguir citamos alguns:

- Inclusão escolar
- Atendimento Educacional Especializado - AEE (na rede regular de ensino)
- Benefício de Prestação Continuada - BPC (obedecendo os devidos critérios)
- Passe livre (incluindo intermunicipal)

Referência Bibliográfica:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

JULIO COSTA, Annelise; ANTUNES, Andressa Moreira. Transtorno do espectro autista na prática clínica. São Paulo: Pearson Clínica Brasil, 2018.



NAVE - Núcleo Artes Visuais em Estudo - FURG  
[www.ave.furg.br](http://www.ave.furg.br)

